

Espumas flutuantes e outros poemas





CASTRO ALVES
Espumas flutuantes
e outros poemas

Organização, apresentação, comentários
críticos e notas

Lília Silvestre Chaves

ea
editora ática

Espumas flutuantes e outros poemas

gerente editorial Fabricio Waltrick

editora Lígia Azevedo

editora assistente Fabiane Zorn

edição de texto Maria Fernanda Alvares

coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

revisoras Bárbara Borges e Cláudia Cantarin

ARTE

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

imagem da capa Cheia, obra de Luiz Hermano

coordenadora de arte Soraia Scarpa

assistente de arte Thatiana Kalas

diagramação Ludo Design

tratamento de imagem Cesar Wolf e Fernanda Crevin

pesquisa iconográfica Angelita Cardoso, Silvio Kligin (coord.)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A477e

4. ed.

Alves, Castro, 1847-1871

Espumas flutuantes e outros poemas / Castro Alves. - 4. ed. -

Rio de Janeiro : Ática, 2013.

278 p. - (Bom Livro)

ISBN 978 85 08 16421-9

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Série.

13-1717.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3(81)-1

ISBN 978 85 08 16421-9 (aluno)

CAE: 276082

CL: 736806

2019

4ª edição

3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 | CEP 05425-902 | São Paulo | SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@aticascipione.com.br

www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Castro Alves: liberdade do amor ou amor da liberdade 9

Espumas flutuantes 37

Comentário crítico 39

Prólogo 43

Dedicatória 45

O livro e a América 46

Comentário crítico 50

Hebreia 51

Quem dá aos pobres, empresta a Deus 52

O laço de fita 55

Ahasverus e o gênio 56

Mocidade e morte 58

Ao dous de julho 61

Os três amores 64

O fantasma e a canção 65

O gondoleiro do amor 67

Sub tegmine faqi 69

As três irmãs do poeta 72

O voo do gênio 73

O “adeus” de Teresa 76

A volta da primavera 77

A Maciel Pinheiro 79

A uma taça feita de um crânio humano 81

Pedro Ivo 82

Oitavas a Napoleão 90

Boa-noite 92

Adormecida 94
Jesuítas 95
Poesia e mendicidade 98
Hino ao sono 102
No álbum do artista 104
Versos de um viajante 105
Onde estás? 106
A Boa Vista 107
A uma estrangeira 111
Perseverando 113
O coração 115
Murmúrios da tarde 115
Pelos sombras 117
Ode ao dous de julho 119
A duas flores 120
O tonel das Danaides 121
A Luís 123
Dalila 124
As duas ilhas 127
Ao ator Joaquim Augusto 129
Os anjos da meia-noite 132
O hóspede 137
As trevas 139
Aves de arribação 143
Os perfumes 146
Immensis orbibus anguis 148
A uma atriz 150
Canção do boêmio 152
É tarde! 154
A meu irmão Guilherme de Castro Alves 156
Quando eu morrer 156
Uma página de escola realista 158
Coup d'étrier 164

Os escravos (poemas selecionados) 169

Comentário crítico 173
O século 175
A visão dos mortos 179
A canção do africano 181
Confidência 183
Comentário crítico 187
Tragédia no lar 190

A criança 197
A cruz da estrada 198
Bandido negro 199
América 202
Canção do violeiro 203
O vidente 205
O navio negreiro 208
Vozes d'África 216
Adeus, meu canto 220

A cachoeira de Paulo Afonso (poemas selecionados) 229

Comentário crítico 233
A tarde 235
O baile na flor 236
Lucas 237
Tirana 239
Crepúsculo sertanejo 239

Poesias coligidas (poemas selecionados) 241

Comentário crítico 243
Noite de amor 245
Capricho 246
Pensamento de amor 247
Improviso 249
Horas de martírio 249
Amar e ser amado 251
Amemos! 252
Fatalidade 254
O povo ao poder 256
Comentário crítico 259
Poeta 260
Adeus 262
A violeta 266
Virgem dos últimos amores 268
A minha irmã Adelaide 271
Em que pensas? 273

Carta de Augusto Álvares Guimarães 277
Bibliografia 279
Resumo biográfico 281
Obras do autor 285
Obra da capa 287



CASTRO ALVES: LIBERDADE DO AMOR OU AMOR DA LIBERDADE

Líliá Silvestre Chaves

Mestre em Teoria Literária, professora de Língua e Literatura Francesa na Universidade Federal do Pará (UFPA).

*Sim! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um séc'lo, uma nação...
Encontra nomes tão grandes,
Que não lhe cabem na mão!...
("Ao dous de julho")*

No Brasil, na segunda metade do século XIX, a literatura vivia um momento em que várias correntes artísticas se encontravam e conviviam. Vinham da Europa, mais especificamente da França, influências do realismo de Flaubert, do naturalismo de Zola e do parnasianismo de Leconte de Lisle. Lá, somente Victor Hugo seguia fiel ao romantismo. Aqui, o público brasileiro já havia conhecido as duas primeiras gerações do movimento. Autores como Gonçalves Dias e José de Alencar moldaram o romantismo importado, emprestando-lhe uma típica feição nacional. Já a segunda geração de românticos, como Fagundes Varela, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu, desenvolveu o pendor pelo trágico e pelo desvario, afastando-se do mundo em que vivia por considerá-lo demasiado frio e padronizado.

A chamada terceira geração do romantismo brasileiro — também denominada de ultrarromantismo ou condoeirismo — teve em Antônio de Castro Alves seu maior representante. Em sua poesia, retrata as duas principais faces do romantismo: o lirismo individual como manifestação puramente pessoal, em que o poeta se volta para dentro de si mesmo, e o lirismo social, em que se projeta em direção ao mundo exterior e vive as dores do seu tempo.

Ao lado, o autor
Castro Alves.

Entretanto, ao mesmo tempo que se define Castro Alves como autor romântico, ao contrário dos autores das gerações predecessoras, sua obra traz uma espécie de superação do próprio romantismo. Em alguns de seus poemas, ele prenuncia o parnasianismo, chegando até mesmo a apresentar certos traços do expressionismo.

Espumas flutuantes, o único livro que o autor publicou em vida, reúne poemas escritos em diferentes épocas e que abrangem os mais variados temas da sua poética. É uma verdadeira mostra da diversidade de sua inspiração: pela primeira vez no romantismo brasileiro, um autor funde em sua obra experiência e inspiração, dando uma nova feição à poesia amorosa. No lirismo social, o poeta coloca em versos o drama da escravidão negra no Brasil, que, pela universalidade própria da poesia, se desdobra na defesa de toda a humanidade. A dualidade entre o bem e o mal romântico revela-se, em Castro Alves, no conflito entre a liberdade e a escravidão, entre a justiça e a injustiça. Nele também encontramos o vívido conceito de “missão”, do poeta-profeta que conversa com Deus e lê a natureza, como um águire, para depois traduzir aos homens os seus segredos. Ele “encarna as tendências messiânicas do romantismo, transformando-se no maior episódio de literatura participante que o seu tempo conheceu”¹.

Castro Alves foi poeta de um tempo em que se acreditava na inspiração. A estética romântica permitia a total confissão da alma, o transbordar de todas as paixões, de todos os gritos. De feição lírica ou épica, a lição de sua poesia está na liberdade do amor e no amor da liberdade, no anseio de justiça social.

Se a poesia para o poeta é vida e seu instrumento, a palavra, o poeta é imagem porque transcende e se projeta na eternidade. Então, por que questionar a riqueza verbal de um poeta, exagerado porque romântico? Impossível querer que um típico romântico de 1860 se expressasse de maneira diferente. Mas houve muito preconceito por parte dos modernistas, que seguiam à risca a exclamação de Verlaine

1 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, 1959, p. 268.

de “torcer o pescoço da eloquência”. Foram intolerantes para com um gênero poético característico de determinada estética e de determinada época. Castro Alves, justamente, tinha toda uma formação escolar e acadêmica que estava impregnada de retórica. Essa era, na época, a formação básica da cultura ocidental. Castro Alves era um poeta romântico e a estética do romantismo pregava o exagero, o transbordar espontâneo das paixões, a harmonia dos contrários, a união do grotesco e do sublime.

O poder da eloquência e os excessos verbais que foram criticados, devido à incompreensão da própria natureza de uma estética², estão presentes, em Castro Alves, sobretudo nos poemas de essência épica, a maioria dos quais foi escrita para ser declamada. Os poetas e oradores falavam dos balcões, desciam às praças. Era próprio da época o uso do mote que provocava o improvisado e a recitação pública de poemas em louvação a datas cívicas e a heróis da pátria. Ao lado do poeta, existia, em Castro Alves, o orador, que inflamava as multidões, que arrebatava os jovens. E os seus discursos eram os poemas, no que eles tinham de mais eloquente e persuasivo.

O condoreirismo, herança das rebuscadas imagens barrocas, de antíteses violentas, de exageros e imagens arrojadas, encontrou, em Castro Alves, seu maior representante. Foi um poeta condoreiro por excelência. Mas seus poemas condoreiros são aqueles de cunho social e libertário, em que os cantos são dedicados à luta, à louvação; em que o recurso da oratória fortalece o efeito de denúncia; em que a eloquência aparece como força poética. E ele alçou o voo da poesia condoreira, anunciando o novo na vida nacional. Foi em sua poesia que a imagem do condor adquiriu as mais diversas feições. Pássaro solitário, o condor, nesse terceiro momento do romantismo brasileiro, é o símbolo do gênio, da inspiração, do próprio poeta e representa o momento em que ele vive: “O presente não desmente / Do seu ninho de condor...” (“Ao dous de julho”). Para Castro Alves, a poesia assimila todas as nuances das ideias das épocas. Diz ele: “Quanto a seu fim, a poesia deve ser o arauto da liberdade — esse verbo na redenção moderna — e o brado ardente contra os usurpadores dos direitos do povo”³. Assim, o poeta brasileiro espelha a lição da luta libertária da Revolução Francesa. O seu tempo clama por uma revolução política: “República!... Voo ousado / Do homem

2 “Romancistas como Alencar, poetas como Castro Alves, perduram e avultam mais que os outros porque, na sua obra, foi mais cabal ou mais brilhante essa íntima aliança do verbo literário com a música e a retórica, dando origem à expressão artística mais grata à nossa sensibilidade média, que alguns pós-românticos, como Olavo Bilac, saberiam exprimir com igual maestria” (CANDIDO, Antonio, op. cit., 1959, p. 42).

3 ALVES, Castro. “Impressões da leitura das poesias do sr. A. A. de Mendonça”. In: *Obra completa*, 1997, p. 672.



A Revolução Francesa representada no episódio da Queda da Bastilha, em 1789. A destruição dos símbolos de repressão monárquica movimentou ventos revolucionários em todo o mundo.

feito condor!” (“Pedro Ivo”). A imagem do condor ecoa em sua poesia como a voz que impulsiona o pensamento do poeta, mensageiro do divino, como a concretização para os seus anseios de procura do infinito, da busca das alturas. Irmão da águia e do albatroz, o canto do poeta é o “Condor sem rumo, errante, que esvoaça” (“Adeus, meu canto”), como a luz que anuncia a imortalidade.

Como visão de mundo, a literatura romântica se queria apaixonada, libertária, democrática, popular. Castro Alves absorveu os ideais da estética romântica, sem olhar para trás, como fazem os poetas românticos brasileiros das primeiras gerações, a perder-se em lamentações nostálgicas do passado. O lirismo de Castro Alves olha para a frente, para as alturas, arroja-se na direção do futuro. Sua pátria é o sertão, a cidade, o Brasil, a América, o mundo e o cosmo. A imagem do voo e da altura, da imensidade e do infinito predomina em sua obra. O poeta procura sempre a ascensão: “Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...” (“Quem dá aos pobres, empresta a Deus”). A imagem do gênio confunde-se com a do andarilho sem pouso — outra característica do romantismo, o poeta exilado e incompreendido.

Poeta dos escravos

O séc'lo é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como o Cristo — a liberdade
Sangra no poste da cruz.
(“O século”)

A extinção do tráfico negreiro no Brasil aconteceu em 1850, como uma das exigências da Inglaterra (que o aboliu em 1807) para o reconhecimento da Independência do Brasil. A partir de então, o tráfico seria considerado ato de pirataria; mas, aqui, continuou impune. O Brasil foi o último país do continente a libertar seus escravos.

Na literatura, apenas na terceira geração do romantismo foi que a escravidão apareceu como tema, com os poemas abolicionistas de Castro Alves.

Ele não teve precursores, na sua maneira predominante. Os grandes pensamentos, sociais ou políticos que agitou não lhe advieram, como em geral sucede, de longas ou bem-acentuadas correntes, nos agrupamentos que o rodeavam. [...] A sua grandeza está nisto: ele os viu antes e melhor do que os seus contemporâneos⁴.

O poeta dedicou dois livros à causa abolicionista, *Os escravos* e *A cachoeira de Paulo Afonso*. Denunciou a escravidão em tal dimensão que sua crítica se estendeu à própria pátria, recriminando-a por permitir mancha tão grande e desonrosa quanto a da escravidão: “E existe um povo que a bandeira empresta / P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...” (“O navio negreiro”). Ousa denunciar a hipocrisia religiosa, criticando o sacerdote, e chega a voltar-se contra o próprio Deus: “Deus! ó Deus! onde estás que não respondes? / Em que mundo, em qu’estrela tu t’escondes / Embuçado nos céus?” (“Vozes d’África”).

O poeta dos escravos descreve as cenas de horror da escravidão com palavras fortes e repugnantes, apela para a

4 CUNHA, Euclides da. “Castro Alves e seu tempo”. In: *Obra completa*, 1966, p. 423.

emoção do leitor, incita-o a testemunhar a injustiça contra homens iguais a ele. Com expressões de ódio e desprezo, insulta esse leitor, o homem de seu tempo, que, insensível, fecha os olhos a tamanha miséria, a tamanha dor. Castro Alves condena e amaldiçoa os algozes: “Sinto não ter um raio em cada verso / Para escrever na frente do perverso: / ‘Maldição sobre vós!’” (“Confidência”).

Em vários de seus poemas contra a escravidão, o elemento dramático soma-se ao épico e ao lírico. São visões, são tragédias, são cantos de horror, de que o leitor participa também como espectador. Já se delineia a ideia do poema como “arte total”, herança de Victor Hugo.

Na obra de Castro Alves, o negro existe, toma a palavra, canta, chora, ama, revolta-se. O poeta mostra que o escravo é um ser humano igual a todos os outros e tem direitos iguais. “Além do grito de alerta e de revolta, o poeta de ‘Vozes d’África’ deu ao escravo dignidade lírica.”⁵ Essa é uma das inovações de seus poemas: “Pois não vês que morreremos todo dia, / Debaixo do chicote, que não cansa? / Enquanto do assassino a frente calma / Não revela um remorso de sua alma?” (“Desespero”).

Nos navios
negreiros,
também
conhecidos
como *tumbeiros*,
o sofrimento
ganhava ares
de horror:
nenhum espaço
e condições
sub-humanas
aguardavam
os escravos
africanos na
longa travessia
do oceano
Atlântico.



5 CANDIDO, Antonio, op. cit., 1959, p. 276.

Numa sociedade escravocrata, ser abolicionista é uma atitude precursora e corajosa. Os versos de Castro Alves refletem a diferença entre ele e a ideologia de seu tempo.

A causa era tão nova e tão desinteressante para a sua própria geração [...] que causava espanto e pena que o jovem Castro Alves consagrasse o seu talento e a sua heroica juventude a um apostolado sem simpatia na multidão nem favor nas classes dirigentes⁶.

Mas ele influenciou as gerações seguintes com seu grito, com as denúncias eloquentes, com a emoção incontida de seu verso romântico.

Poeta da liberdade

*Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céu da liberdade.
("Adeus, meu canto")*

Castro Alves não pode ser restringido à literatura e à sua história, pois, através da sua linguagem e do jogo que faz com ela, permanece um dos estimuladores do presente e do futuro. E esta conjunção do poético e do social é atual, fazendo de sua obra uma voz e uma consciência. A ideia de homem e de poeta que se delineia nos seus poemas será a sua própria vida. A voz era ele mesmo, e era a poesia e também a história do seu tempo. Como um vidente, divisava um tempo ainda por chegar, em que seus versos estariam concretizados. Em sua obra, a essência da poesia une todos os modos do dizer: dizer a revolução política com a República; dizer a revolução social com a abolição da escravatura.

O poeta de "O navio negreiro" viu muito mais longe: a liberdade que cantava era a que permitiria ao mundo a libertação total, de pensar, de viver, de amar. Era a liberdade

6 PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves*. Citado por HADDAD, Jamil Almansur. *Revisão de Castro Alves*, 1953, p. 156-157.

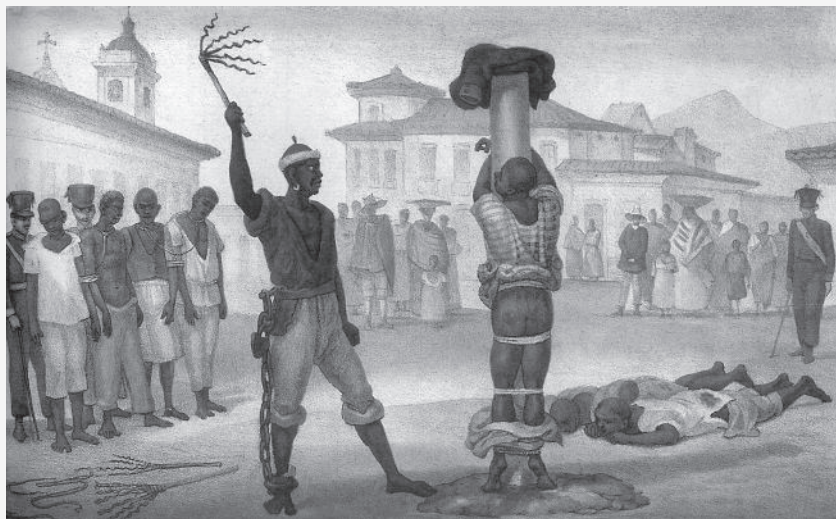


Condições dos escravos no Brasil: castigos e torturas eram frequentes.

de imaginação. Assimilou o ideal da liberdade romântica e o estendeu à sua poesia: “liberdade de expressão”, dizia Hugo, “liberdade de linguagem”. O romantismo traz em si o segredo de uma revolução. E revolução faz-se também nas palavras, nas imagens, na métrica, na audácia da linguagem.

Mário de Andrade aponta o respeito de Castro Alves pelas sutilezas orais da língua:

Escrevia uma linguagem saborosa, de excelente liberação nacional, e deve mesmo, com as *Espumas flutuantes*, ser considerado o primeiro sistematizador do “pra”, trocando-o oitenta vezes sobre cem ao lerd e tipográfico “para”⁷.



Liberdade na arte e na vida, portanto. Ele fez de sua poesia uma escrita de combate. A atividade de sua linguagem é, nos poemas de cunho social, a interação da poética e da política, não apenas no que é dito, mas também no próprio dizer. A liberdade na arte corresponde ao ideal de liberdade da humanidade. Quando fala em povo, Castro Alves dirige-se à humanidade, torna-se defensor daqueles que não têm direitos — o escravo, é claro, mas também a mulher e todos os oprimidos. Também nesse sentido, Castro Alves ainda é atual.

“O pregador da liberdade dos pretos pode ser ouvido como o cantor da liberdade dos brancos.”⁸ Uma nova leitura de Castro Alves pode trazer novas dimensões à sua obra, principalmente quanto ao ponto de vista social. O grito do poeta romântico ainda pode soltar-se na praça do povo, ainda pode alcançar as passeatas dos estudantes? A República foi a ousadia do passado, hoje temos outras metas a vencer, ainda outros voos a alçar. O poeta que sonhou tantas revoluções, se estivesse vivo, novamente bradaria aos jovens: “Nós sustentamos o direito em pé!”.

A natureza na obra do autor

*A inspiração lhe acende o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza!
 (“Aves de arribação”)*

A poesia de Castro Alves é um cântico à natureza. Tanto nos poemas sociais quanto nos de amor, ela está onipresente. Mesmo nos mais inflamados poemas condoreiros, ao invocar os elementos, ao nomear a natureza, o seu lirismo vem emprestar ao épico um novo matiz.

Toda uma vegetação exótica, com suas flores, cheiros e cores, reflete sua alma brasileira de poeta romântico. Todo um desfile de aves e animais selvagens, com seus cantos e rumores, remete à paisagem da mata, das serras, das

8 GRIECO, Agripino. “Prefácio”. In: ALVES, Castro. *Espumas flutuantes*, 1947.

várzeas. Tudo evoca a natureza que ele conhece e exalta, elegendo-a motivo do seu canto. O poeta quer não apenas transmitir a música da natureza como também sugerir-lhe o movimento, o brilho, as sensações táteis: “Sim! cantar o campo, as selvas, / As tardes, a sombra, a luz; / Soltar su’ alma com o bando / Das borboletas azuis; / Ouvir o vento que geme, / Sentir a folha que treme” (“Adeus, meu canto”).

Para Castro Alves, o universo é a “Bíblia imensa / Que Deus no espaço escreveu?!” (“Adeus, meu canto”). Como poeta panteísta, sua poesia é a prece, a linguagem sussurrada entre o homem e a natureza, quando a alma se recolhe para escutar os “Murmúrios da tarde”: “Ontem à tarde, quando o sol morria, / A natureza era um poema santo”.

O mundo de Castro Alves não é silencioso nem estático: há pulsação, há música. O vento é a respiração do universo e traz para o poema os mais diversos sons, nele imprimindo um tenaz e contínuo movimento. O som de instrumentos musicais, de pássaros, de sentimentos voa com o vento e ecoa nas estrofes, em metáforas de extrema sugestão visual e sonora, como nos versos de “O hóspede”, nos quais o eco, repetindo o toque das fanfarras, soa como o múltiplo ladrar de cães que se respondem no alto da serra. Ou como nos versos de “Coup d’étrier”, em que a solidão do violino, a sugestão do grito metálico do pássaro e a percussão da cascavel, diluídas no canto do vento, misturam-se ao frescor do orvalho e à cor e ao movimento da impressão visual: as contorções, a cor, a forma da cobra que é também uma flor, desenhada pela imaginação, dão uma qualidade sensível ao poema. Todos os nossos sentidos são invocados. Existe um quadro, um concerto, um baixo-relevo nestes versos: “Onde em cálix de flor imaginária / A cobra de coral rola no orvalho, / E o vento leva a um tempo o canto vário / D’araponga e da serpe de chocalho... / Onde a soidão⁹ é o magno estradivário...”.

Sua poesia tem luz, som e movimento. O poema “Crepúsculo sertanejo” é, talvez, o exemplo perfeito do

9 **soidão:** o mesmo que solidão.

fenômeno de interação entre os elementos da natureza na poesia romântica: “A tarde morria! Nas águas barrentas / As sombras das margens deitavam-se longas; / Na esguia atalaia das árvores secas / Ouvia-se um triste chorar de arapongas.”

Tudo é grandioso, as imagens intensificam-se, o universo personifica-se e respira: “Desperta o infinito... Co’ a boca entreaberta / Respira a borrasca do largo pulmão” (“Pedro Ivo”).

Em sua poesia, a natureza, ente feminino, toma a figura da mãe redentora, que recebe de volta o filho, acolhe-o em seu seio, para onde ele anseia voltar depois de morto, mas também é a mulher que ama, que se entrega à paixão, refletindo o langor e a sensualidade feminina: “E as flores suspiravam molemente / Da brisa ao receber os doces beijos. / E o mar batia tímido nas praias / Qual seio de donzela a arfar desejos” (“Pesadelo”).

E, invertendo a imagem, os amantes também se transformam em natureza. O próprio poeta faz-se flor para aproximar-se da mulher amada: “‘Minh’alma é rosa, que a geada esfria... / Dá-lhe em teus seios um asilo brando... / ‘Leva-me! leva-me, ó gentil Maria!...’” (“Murmúrios da tarde”).

A mulher e o amor

*Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lira ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
que escalas de suspiros, bebo atento!
 (“Boa-noite”)*

Exaltada nos versos de Castro Alves, a mulher confunde-se com a natureza, com o próprio universo. “Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!” (“Pensamento de amor”), exclama o poeta, para quem o amor é uma forma de religião. Imagem romântica da estrela-guia, a mulher é a musa, a inspiração.

Em sua obra, Castro Alves desfia a história lírica de seus amores. O tipo que canta mais frequentemente é o moreno.

“Sou doudo pelas morenas”, diz em uma carta¹⁰. Os olhos da mulher “são negros, negros como as noites sem luar...” (“O gondoleiro do amor”), e seus cabelos, volumosos e escuros, são a noite, a selva, o céu, o espaço sideral. “Tens a noite nas madeixas”, canta o poeta. A mulher é a própria noite, ela é o amor, como nesta imagem que envolve todos os sentidos: “Como um negro e sombrio firmamento, / Sobre mim desenrola teu cabelo...” (“Boa-noite”).

Muito amou este poeta, que viveu tão pouco tempo. Desde a adolescência, abre-se, sem medo, ao canto de um amor sem freios, de uma entrega total à mulher. Seu canto é um prelúdio de mudança, mesmo nas leis que regem o amor. Não é mais o amor inatingível e cheio de medo dos poetas românticos anteriores a ele. A voz que fala em seus poemas é a de um homem que mostra um lirismo viril e sensual. Seu lirismo individual funde-se ao social e revolucionário. Numa vida em que amor e luta social entrelaçam-se, de tal maneira indissociáveis, a obra se confunde, e os dois temas tornam-se um só. Mesmo em seus poemas de amor, vibra a liberdade. “Por essa conquista do direito de amar, variada e sempre sinceramente [...] pode-se dizer que Castro Alves foi entre nós o primeiro propagandista do divórcio.”¹¹ Seus versos sugerem a indignação contra liames indissolúveis. Mesmo quando fala docemente sobre as mais delicadas coisas, como um laço de fita, o poeta não esquece sua meta: romper correntes, soltar amarras, tornar livres os que vivem cativos. Segundo Rui Barbosa, “pulsa liberdade até nas suas canções de amor”¹². Ele, entretanto, enredou-se em elos de amor: “O braço, que rompe cadeias de ferro, / Não quebra teus elos, / Ó laço de fita!” (“O laço de fita”).

Castro Alves é mestre em ambas as maneiras de soltar a voz: comove quando conta da injustiça que existe na humanidade, quando em seus poemas-discurso louva os heróis em hinos patrióticos; vibra nos corações quando fala

10 Carta a Marcolino de Moura e Albuquerque. Recife, 16 de janeiro de 1863.

11 ANDRADE, Mário de, op. cit., 1943, p. 110.

12 BARBOSA, Rui. *Elogio de Castro Alves*, 1950, p. 67.

da paixão, nos poemas dedicados às mulheres que amou. Na sua poesia, o grito da alma e o sussurro do sentimento tangeram o hino e a canção.

Ele era forte como o tufão quando se jogava contra as injustiças e [...] era brando como a brisa quando a sua voz se dirigia a tímidos ouvidos¹³.

O romantismo realista do autor renova a chamada lírica erótica. É a magia romântica que cria a atmosfera de sensualidade implícita nos versos de “Adormecida”, que faz estremecer, não somente a moça e a flor, que a beija, como também o poeta e o leitor: “Era um quadro celeste!... A cada afago / Mesmo em sonhos a moça estremecia... / Quando ela serenava... a flor beijava-a... / Quando ela ia beijar-lhe... a flor fugia...”. Extremamente encantatória, sua poesia amorosa sugere, por meio da imagem, o milagre da união entre o sentimento e a visão: “Vem! formosa mulher — camélia pálida, / Que banharam de pranto as alvoradas” (“Mocidade e morte”). Exalta a amante. Aclama-a: “É minha aurora linda... / Meu anjo... mais ainda... / É minha amante enfim!” (“Hino ao sono”).

Castro Alves ousa mais do que os seus contemporâneos românticos ao cantar a volúpia do amor. Evoca os encantos da mulher amada; exprimindo seus desejos de maneira sincera e provocante: “Desmanchar teus cabelos delirantes / Beijar teu colo... Oh! vamos minha amante, / Abre-me o seio teu” (“Amemos!”).

A música

Último asilo — a Canção!...
 (“O fantasma e a canção”)

Fazendo de seus versos as mais puras canções, Castro Alves chega ao extremo lirismo. Muitos de seus poemas foram musicados, outros foram compostos para esse fim.

13 AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*, 1968, p. 22.

A música prolonga-se em toda a sua obra, ora suave, ora voluptuosa, ora retumbante.

Em *Espumas flutuantes*, a música apresenta inúmeras modulações. O poeta é “O gondoleiro do amor” na suave barcarola¹⁴. Desliza na cadência da dança em “O laço de fita”, cujos versos rodopiam “na célere valsa”, ou em “O ‘adeus’ de Teresa”, nos acordes mais graves da orquestra. Em “A Maciel Pinheiro”, o bardo¹⁵, cujo peito é “u’ a harpa homérica”, saúda o artista que parte para a guerra. Na sensualidade de “Boa-noite”, canta a cavatina¹⁶ do delírio. Dedilha sua “lira de Orfeu” em “Hino ao sono”. Deixa pairar a melodia da natureza nos sons de “Murmúrios da tarde”, quando “Larga harmonia embalsamava os ares!”. Recita as delícias da noite, na “Canção do boêmio”. Perde-se em devaneios em “Coup d’étrier”, em que a solidão tem os acordes de um violino.

Em *Os escravos e A cachoeira de Paulo Afonso*, os ritmos também se alternam. Em “Adeus, meu canto”, soa a tuba lúgubre, estridente. Em “Bandido negro”, o alucinante ritmo da balada galopa soando vingança. Em “O navio negreiro”, “ri-se a orquestra, irônica, estridente”, no sonho dantesco, da horrenda e fantástica dança dos escravos ao estalar do açoite, e, em seguida, ouve-se o eco da maldição: “E ri-se Satanás!”. Noutros poemas, o instrumento ressoa nos versos, solene, como os acordes de um órgão. Em “O vidente”, é o salmo que ecoa nas tardes brasileiras: “E, como uma estranha harpa eólia entregue ao tom dos ventos, / — Estranhas melodias, estranhos pensamentos, / Vibram-me as cordas d’alma enquanto absorto cismo”. Mas em alguns poemas em que fala da escravidão, o poeta fere as cordas da viola brasileira, empresta seu canto a outros acentos. “A canção do africano”, a “Canção do violino”, a cantiga de “Lucas”, a “Tirana” e o canto lacerante da escrava em “Tragédia no lar” são poemas em que outra voz se faz ouvir, enquanto cala a do poeta. É a alma do

14 **barcarola**: canção romântica dos gondoleiros de Veneza.

15 **bardo**: poeta heroico entre os celtas e gálios; vate.

16 **cavatina**: pequena ária de caráter lírico.

cativo que entoa sua desgraça, sua saudade e seu pranto. Essa poesia revela “sua lírica de melhor carícia nacional”¹⁷.

Castro Alves: sua vida e seu canto

*Dir-me-ão, talvez: pois bem, calai-vos.
Mas eu lhes responderei: dizei também que se cale ao passarinho,
que, humilde nos ramos, fitando as chispas de ouro
do sol nascente, solta o seu trino espontâneo.
 (“Impressões da leitura das poesias
do sr. A. A. de Mendonça”)*

Num domingo, no dia 14 de março de 1847, nasceu Antônio de Castro Alves, na fazenda Cabaceiras¹⁸, perto de Curralinho, interior da Bahia.

A vida inteira, a alma do poeta divide-se entre a paisagem do agreste e a das cidades. Vida inteira, esta tão curta que podemos contar detalhes de sua passagem. Foram 24 anos que ele teve para cantar e é através desse canto que sua vida vai passando pelos olhos da nossa imaginação. Enquanto lemos sua obra, tece-se a vida, sempre arrebatada, de um jovem poeta romântico. Seus poemas confundem-se com seu destino, revelam os seus sentimentos e, mais ainda, pintam-nos suas experiências e visões. Sua obra é sua vida. São os afetos, as leituras, as histórias que o envolveram, os sonhos, as companhias, os amores que se delineiam nas páginas que deixou, que carregam o sopro de sua existência.

No princípio, a natureza. Essa natureza brasileira que o cercava e que se imprimiu em sua alma e, mais tarde, em seus poemas: “A poesia ‘enroupa-se do manto da natureza, que a cerca’”¹⁹.

No planalto, a casa solitária em que nasceu tem à volta a paisagem rasteira do sertão da Bahia, a região de

17 ANDRADE, Mário de, op. cit., 1943, p. 114.

18 Na fazenda nasceram, também, seus irmãos José Antônio, o mais velho, e Guilherme, mais jovem que o poeta.

19 ALVES, Castro, op. cit., 1997, p. 670.

palmares que ele sempre cantará. Ali, o tempo “cismava”, acompanhado pelo gemido do vento, pelas histórias contadas pela mucama Leopoldina, pelas lendas que rodeavam a família; embalado pelo ritmo da toada nordestina e pelos rumores de lamentos dos escravos; envolvido pelo perfume da baunilha, pela luz do sol, pela poeira e pelo vento, sempre o vento...

Lendas, histórias de amor e morte no facão implacável dos jagunços, cantos de louvores aos heróis da pátria povoaram a imaginação infantil daquele que dedicou a vida a cantar a liberdade e a exaltar a luta por ela. Essas primeiras impressões sugeriram-lhe, mais tarde, os mais líricos versos de amor, as mais exaltadas estrofes de louvor aos heróis, os mais dramáticos poemas em defesa dos escravos, as mais inspiradas e proféticas visões de liberdade.

Do lado materno, a história do amor proibido de sua tia Pórcia, que se apaixonou por um homem casado e fugiu com ele, escondendo-se no sertão, e da trágica morte de seu filhinho, morto pelo ódio cego do próprio avô, que mandou retalhá-lo a facão ante os olhos da mãe, que enlouqueceu, não teria inspirado os versos futuros de “Tragédia no lar”? “Porém nada comove homens de pedra, / Sepulcros onde é morto o coração. / A criança do berço ei-los arrancam / Que os bracinhos estende e chora em vão! / [...] / E aos golpes — uma doida respondia / Com frio gargalhar!...”

Da família do pai, a figura heroica de seu avô, a entrar triunfante em Salvador, com o pelotão dos “periquitos”, na luta de adesão da Bahia à Independência do Brasil, inspiraria, certamente, o respeito e a admiração pelos antepassados e a exaltação do patriotismo, que haveria de cantar em “Ao dous de julho”.

Seus ouvidos recordarão sempre os gritos dos pássaros, o canto plangente das violas. Transformando as palavras em pura música, ele cantará esses sons em seus poemas, nos momentos de meditação do crepúsculo e no recolhimento da noite. E o gemido do vento, o sopro macio e constante da viração imprimem-se no menino e estarão refletidos em toda a obra do poeta, sugerindo-lhe o eterno escoar

do tempo e guiando-lhe a memória: “Oh! meu amigo! neste doce instante / O vento do passado em mim suspira” (“A Luís”). Esse mesmo vento mudará de voz, a cada poema. Ora soará como a profecia, que anima o canto do poeta, ora como o movimento que lança suas páginas na direção do futuro. Soprará, ainda, como o brado que nor-teia o galope para o céu da liberdade ou como um suave sopro, ao qual o poeta pede inspiração. E, no fim da vida, como um estremeamento ante a sombria espera da morte.

Cecéu, como era chamado na família, era cercado por paisagens contrastantes: de um lado, a várzea com seus palmares, a vegetação desértica da esplanada; de outro, as matas densas nas espaldas da Serra do Aporá. Desde cedo, as antíteses de paisagens, as alianças de contrastes habitam sua vida e sua alma. O rio Paraguaçu leva a imaginação a desaguar no rio São Francisco, que corre tranquilo, mas carrega consigo a perspectiva da precipitação de suas águas, personificando-se fabuloso no poema “A cachoeira”: “[...] Os braços do gigante suarentos / Aguentando a ranger (espanto! assombro!) / O rio inteiro, que lhe cai do ombro”.

“O contraste de prados e abismos reflete-lhe o destino e o temperamento.”²⁰ O futuro poeta conciliará essas antíteses em seu temperamento, cândido e impetuoso, melancólico e arrebatado. Contraste entre as cidades e o campo em que nasceu e viveu os primeiros anos, e para onde voltou no fim da vida, para tentar renascer, naquele clima do sertão, para onde a saudade o reconduz, mas que, uma vez na solidão da várzea, provoca a exclamação da alma: “Tenho saudades das cidades vastas” (“Versos de um viajante”).

Com 5 anos de vida, muda-se, com a família, para Muritiba e, logo depois, para São Félix — onde nasceu a primeira das irmãs, Elisa —, à margem do rio Paraguaçu. Em seu primeiro encontro com a escola, estuda em Cachoeira, do outro lado do rio.

Em 1854, muda-se para a capital. A primeira casa da rua do Rosário — na qual nasceu Adelaide, a irmã preferida

20 CALMON, Pedro. *Castro Alves: o homem e a obra*, 1973, p. 5.

— era habitada pela lenda romântica de Júlia Feital, que, de tão amada, foi assassinada pelo noivo, louco de ciúmes, mas com uma bala de ouro, a única digna de ferir seu coração. Mora, depois, na rua do Paço — onde nasceu a irmã caçula, Amélia — e, finalmente, vai morar na casa da Boa Vista, de onde, do alto da torre, o menino podia ver o mar.

Aos 11 anos, depara com um mundo novo no Ginásio Baiano, que lhe revela o latim e o francês, línguas que lhe permitem ter contato com o mundo da poesia. No ano seguinte, em 1859, perde a mãe, doce e frágil, de “moléstia do peito”. Oito anos depois, quando, num poema, volta à casa da Boa Vista, recorda os pais — dr. Antônio José Alves, médico, e d. Clélia Brasília da Silva Castro — e os irmãos, e evoca “as rosas da infância”, época despreocupada e feliz.

Ainda no ano de 1859, em Salvador, Castro Alves teve o seu nome dito, pela primeira vez, como o nome de um poeta. E ganha o prêmio de figurar no quadro de honra do ginásio, na solenidade de encerramento das aulas. Seus primeiros versos louvam as ideias renovadoras do diretor da escola, o futuro barão de Macaúba. A partir de então, sempre triunfará, ao declamar seus poemas, nas festas cívicas ou “outeiros”, torneios de versos e discursos, dos jovens estudantes. É o seu lado orador que aflora. Surge, assim, um novo poeta, aos 12 anos de idade: “A genealogia dos poetas começa com o seu primeiro poema”²¹.

A época em que viveu o poeta

No Brasil do Segundo Império, havia uma crescente eferescência nas cidades. As pessoas saíam do campo para morar na cidade. Vivendo, ainda, da força do poder agrário — o latifúndio e o escravismo —, a “alta classe média do país” era definida pelos ‘filhos de família abastada’ que iam receber instrução jurídica (raramente médica) em São Paulo, no Recife e no Rio [...] ou filhos de comerciantes

21 ALENCAR, José de. “Carta aberta a Machado de Assis”.

luso-brasileiros e de profissionais liberais”²², como era o caso de Castro Alves. “E, são eles, os estudantes, que, juntamente com as mulheres, vão constituir, neste novo mundo urbano, a maioria do público literário, que consagrará as reputações e definirá as preferências.”²³ Com a mudança do interior para a cidade, a vida das mulheres sofreu uma enorme transformação. Do recato e da solidão das casas das fazendas, elas passaram a sair às ruas da cidade, frequentar teatros e salões, ir às lojas, ler figurinos, romances e poesia.

Jovens de todo o Brasil deslocavam-se, portanto, para o Recife e para São Paulo à procura dos cursos jurídicos. E é, em meio a essa atmosfera movimentada, que Castro Alves, aos 15 anos, desembarca, junto com seu irmão mais velho, no Recife, para cursar um ano de aulas preparatórias e depois ingressar na Faculdade de Direito.

Mora, primeiro, no convento de São Francisco, depois na rua do Hospício e, mais tarde, com Luís Cornélio dos

O convento de São Francisco nos dias de hoje.



22 BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 1965, p. 100.

23 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*, 1964, p. 205.

Santos, amigo que permanecerá fiel até sua morte, às margens do Capiberibe²⁴.

Essa é, também, a época em que se aprofunda na leitura dos poetas românticos franceses, como Chateaubriand, Vigny, Musset, Victor Hugo e Lamartine. Leu, apaixonadamente, Horácio e Virgílio; a Bíblia e seus “poetas” profetas, Isaías e Jeremias; poetas de todo o mundo, como Dante, Byron e Goethe. É só acompanhar os traços deixados pelas epígrafes que, como os poemas, contam de suas preferências, falam de suas crenças, amizades e influências. Não menos afinidades tem o adolescente com os poetas brasileiros Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Gonçalves Dias, e os portugueses Camões, Alexandre Herculano e tantos outros.

A poesia, no Brasil do Segundo Império, era feita por estudantes. Jovens que, na sua maior parte, morriam cedo, tuberculosos, apaixonados e que, às vezes, nem tinham ainda deixado a faculdade. “Havia um teor de boêmia, senão de libertinagem, na cultura e na atividade literária”, disse um historiador, referindo-se a esse período. Poemas eram lidos em voz alta nas datas comemorativas e nos saraus, nos palcos de teatro e nos balcões, e recebidos com entusiasmo pelo povo. Era um tempo em que se havia descoberto o patriotismo, eco tardio e distante da Revolução Francesa.

O poeta baiano é precoce. Seu lirismo é como um levante. Numa aurora criadora, aquele jovem de olhos brilhantes traz em seus versos uma verdade nova como um sol que surge. Como uma brisa, insinua aos ouvidos dos jovens um novo canto de amor e liberdade. A poesia de Castro Alves anuncia a pátria do futuro, liberta, sem a mancha da escravidão, sob a luz da República. Os versos

24 Luís Cornélio assim o descreve em seu diário: “[...] bastante alto para a idade [...]. A cabeça parecia pesar-lhe tanto que caía sobre o peito fraco e deprimido; mas a beleza dos olhos, a dourada palidez das faces, o negrume intenso dos cabelos, e, sobretudo, o sorriso angélico daquela fisionomia corrigiam talvez a excessiva magreza daquele corpo”. Apontava-lhe apenas um defeito: era orgulhoso. De sua alma pura e inteligência brilhante, diz Luís Cornélio: “Hugo em pequeno devia ser assim”. (Citado por CALMON, Pedro, op. cit., 1973, p. 63.)

do poema “Destruição de Jerusalém”, com o qual faz sua estreia na imprensa, no *Jornal do Recife*, ainda em 1862, já contém o caráter épico e a profecia da liberdade que desenvolverá em sua obra.

Tudo é promissor no que diz respeito à sua arte, mas, nos estudos, um fracasso: não sendo aprovado em geometria, não pode ingressar no curso jurídico.

No ano de 1863, escreve “A canção do africano”, seu primeiro poema abolicionista, em que o adolescente entoava o seu canto de redenção e faz sua voz dos escravos. Nesse mesmo ano, o coração do poeta também encontra seu caminho, quando, no teatro de Santa Isabel, assiste à atriz Eugênia Infante da Câmara, que seria sua amante alguns anos mais tarde.

Nos seus primeiros poemas, já se podem sentir as vias escolhidas pelo poeta que nascia: de essência épica ou lírica, o hino louvando a pátria, o grito clamando por liberdade, o canto exaltando o amor.

Em 1864, inscreve-se no primeiro ano de Direito. Mas o avanço da doença que já o consome inspira-lhe cantos de morte. Um pensamento sinistro passa-lhe na alma. “Pela primeira vez ia beber inspiração nas fontes da grande poesia”, diz Manuel Bandeira na biografia do poeta de “Mocidade e morte”, ressaltando a importância desse poema em sua obra: “E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito / Um mal terrível me devora a vida” (“Mocidade e morte”).

Assustado, abandona o curso e volta para perto da família, na Bahia.

Não morreria ainda. O tempo lhe concederia mais sete anos para viver, amar, lutar e cantar seu futuro radiante. 1865 foi um ano fecundo. “Num só mês”, conta-nos um de seus biógrafos, faz “abolicionismo e revolução, com [...] poesias que impressionam a cidade.” Encontrara o amor nos “olhos brandos” de Idalina, com quem passou a viver, numa casinha no subúrbio do Recife. Dela, ficaram apenas o primeiro nome e os versos que ele lhe dedicou; porém, foi ao seu lado que Castro Alves concebeu a ideia de um livro com a voz do negro, contando sua desgraça e clamando por liberdade: *Os escravos*, que não verá publicado.